

Expansão romana e integração dos territórios provinciais: uma entrevista com Vagner Carvalheiro Porto*

Roman expansion and integration of provincial territories: an interview with Vagner Carvalheiro Porto

Vagner Carvalheiro Porto

Entrevistado

Guilherme de Aquino Silva

Entrevistador

Vagner Carvalheiro Porto é professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). É doutor (2007) e mestre (2001) em Arqueologia pela USP e graduado em História pela Universidade de Santo Amaro (1994). É Coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP/USP), no âmbito do qual desenvolve pesquisas a respeito das províncias romanas da Síria-Palestina e da Península Ibérica. É coordenador dos grupos de pesquisa “Numismática Antiga” e “Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas” (ARISE). É coeditor chefe da Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e bolsista produtividade do CNPq. Dentre suas pesquisas recentes, destacam-se aquelas realizadas no sítio de Tel Dor, em Israel. Suas investigações concentram-se na análise da expansão romana e da integração dos territórios conquistados à ordem imperial.

1. *Guilherme de Aquino Silva: Um dos objetivos desta entrevista é apresentar aos leitores, sobretudo os que se encontram em processo de formação acadêmica, o modo pelo qual as pesquisas na área de Antiguidade são executadas no Brasil, tanto no âmbito da História quanto no da Arqueologia. Desse modo, o professor poderia compartilhar conosco como ocorreu seu ingresso na carreira universitária?*

R.: Vagner Carvalheiro Porto: Posso dizer que meu ingresso na Universidade não se deu de forma tão incomum. Minha história se assemelha à de muitos brasileiros que têm

* Entrevista concedida a Guilherme de Aquino Silva, em 20 de maio de 2024.

vontade de ver as coisas acontecerem, que têm força e resiliência, além de sorte, eu diria. Proveniente de pais de ascendência negra e portuguesa, cresci em um bairro periférico do extremo sul da cidade de São Paulo. Não tinha ideia de que a USP existia, até que um dia, no antigo Colegial, na sala de aula da escola pública em que estudava, ouvi minha professora dizer que aquela Universidade não tinha sido feita para nós... Sim, essa era a realidade que vivíamos e que muitos ainda vivem quando se é pobre e periférico. Trabalhei desde muito cedo. Aos 15 anos, a pedido do meu pai, estudei no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e comecei a trabalhar na área de manutenção elétrica. Ao saber que a Universidade de Santo Amaro estava contratando nesta área, me inscrevi e fui selecionado. Foi, então, que recebi uma bolsa de estudos e comecei a estudar nesta universidade particular, que se localizava mais ou menos próximo da minha casa. Este foi meu ingresso na faculdade. Trabalhava durante o dia e estudava História durante a noite.

Na verdade, quem me moldou foram meus professores de História, Geografia e Filosofia do antigo Colegial. Eles me propuseram leituras que me formaram, e que, de certa forma, moldaram meu ser. Dentre elas, obras de Walter Benjamin (1994), Marshall McLuhan (1969) e Marilena Chauí (1981). Minha veia marxista provém do grupo de jovens da igreja católica do bairro em que eu morava, pois lá, ainda na adolescência, tive contato, pela primeira vez, com as leituras e debates sobre Marx e Engels.² Para completar a singularidade das minhas primeiras leituras, tive a sorte de ter amigos extremamente inteligentes e apaixonados em ler. Entre nossos dezesseis e dezenove anos, passávamos noites e madrugadas lendo e discutindo Herbert Marcuse (1969), Octavio Paz (1968), Jorge Luis Borges (1972), dentre muitos outros.

A faculdade de História foi outra página de minha vida. Aliás, escolhi História por conta da veia política. Foi na faculdade que accesei as leituras dos clássicos gregos, como Homero, Hesíodo e Heródoto. Também me apaixonei pelos tragediógrafos e por Aristófanes,³ grande dramaturgo das comédias gregas. Essas leituras mexeram demais comigo, a ponto de definirem meu caminho e meu futuro. Tive a sorte de, na faculdade, ter tido jovens professores incríveis, todos da USP, plenos de conhecimento e ávidos por ensinar. Tive aulas de Língua e Literatura Latina no programa (outra sorte), o que me ajudou, sobremaneira, nos anos seguintes. O professor Paulo Martins, hoje diretor da FFLCH/USP, foi um dos meus professores e incentivadores naquela ocasião, o que muito me orgulha.

² O entrevistado referencia obras como o *Manifesto do Partido Comunista*, de Engels e Marx (1982), e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels (1977).

³ Nas referências, constam as obras dos tragediógrafos gregos Ésquilo e Sófocles, conforme indicado pelo entrevistado.

Meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Mito e História: análise estrutural da Epopéia de Gilgamesh* (1994), me aproximou da documentação textual e material, e da história da Mesopotâmia e Egito antigos. Foi com esse trabalho de conclusão de curso que cheguei à USP, com o intuito de ingressar no mestrado. Quem me acolheu foi a professora Maria Beatriz Florenzano, mestra e inspiradora. Isso, nos idos de 1995. Ela me sugeriu que estudasse o herói grego Héracles nas moedas da Sicília, e, assim, iniciamos essa jornada juntos.

Minha dissertação de mestrado, na área da Arqueologia, defendida em 2001, intitulou-se *Subsídios para o estudo do culto de Héracles na Sicília: uma análise da iconografia monetária*. Foi muito interessante perceber que era possível trabalhar religião e sociedade gregas, partindo de um documento que, de imediato, nos levaria ao universo econômico: a moeda. Os escritos de Diodoro Sículo (1976) foram fundamentais para as minhas reflexões.

O doutorado veio na sequência, mas, àquela altura, eu estava inclinado a enveredar pelo Império Romano. A razão disso estava ligada às experiências que eu estava tendo com as escavações no sítio arqueológico de *Apollonia*, situado na costa israelense. A vivência com as escavações neste sítio romano, entre 1999 e 2003, moldaram minha formação arqueológica e, claro, influenciaram a guinada que minha vida estava prestes a dar. Meu "autor de época", então, era Flávio Josefo. Eu tinha migrado para o Oriente e deixado os gregos do Ocidente, buscando entender a intrincada e complexa lógica política, social e religiosa que a costa oriental do Mediterrâneo vivenciara. A moeda ainda estava na pauta de minhas preocupações. Eu tentava, no doutorado, entender como se davam as alterações de *status jurídico-administrativo* das cidades provinciais da Síria-Palestina pelo viés das moedas. Defendi a tese em 2007 e fico feliz que, ainda hoje, os métodos de análise iconográfica e o catálogo que desenvolvi influenciam muitos estudantes do país.

2. O professor é vinculado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, instituição reconhecida como um dos mais importantes centros universitários em termos nacionais e internacionais. Nesse sentido, quais oportunidades esta instituição oferece aos estudantes interessados no estudo da História Antiga e da Arqueologia Clássica?

R.: Em primeiro lugar, é importante pontuar que o MAE é um museu universitário. Além do MAE, a USP mantém outros museus universitários, como o Museu de Arte Contemporânea (MAC), o Museu Paulista (MP), popularmente conhecido como Museu do Ipiranga, e o Museu de Zoologia (MZ). Um museu universitário atua sobre o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão. Muitas são as áreas de atuação do MAE: Arqueologia e Etnologia Brasileira,

Etnologia Africana, Arqueologia Mesoamericana, Arqueologia Histórica Brasileira e Arqueologia Mediterrânea. Então, sim, o MAE realmente é um dos principais centros de estudos de Antiguidade do Brasil, principalmente no que diz respeito aos estudos arqueológicos. A biblioteca do MAE é uma das mais ricas do país. Desde sua criação, em 1989, o MAE recebe alunos do Ensino Médio e dos níveis mais altos, bolsistas ou não, provenientes de diversas instituições públicas e privadas. O MAE foi criado por meio da fusão de acervos e instituições já existentes na Universidade de São Paulo. Constituiu-se mediante a reunião das coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paulista, do Acervo Plínio Ayrosa, do Departamento de Antropologia da FFLCH, bem como da incorporação do Instituto de Pré-História e do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia. Hoje em dia, o acervo do MAE está estimado em quase um milhão de itens, distribuídos principalmente nas áreas de Arqueologia Americana, com destaque para a Arqueologia Brasileira, Arqueologia do Mediterrâneo e Médio-Oriente, Etnologia Brasileira e Etnologia Africana e Afro-brasileira, além de todo o acervo documental.

Do ponto de vista da pesquisa, é importante enfatizar que, por um lado, as pesquisas arqueológicas geram novas coleções, e, por outro lado, as coleções já salvaguardadas no Museu produzem novas pesquisas e, por conseguinte, novos conhecimentos. No que diz respeito ao ensino, as coleções são acessadas para o desenvolvimento das atividades docentes no âmbito das disciplinas oferecidas pelo Museu. Ademais, a produção de novos conhecimentos, a partir das coleções, retroalimentam a formação dos alunos no âmbito dos dois programas de pós-graduação do MAE/USP: o Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGArq) e o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus). No que tange à extensão, o MAE, assim como qualquer museu, tem uma vocação natural para a extroversão do conhecimento. Montagens de exposições permanentes e temporárias, ações educativas e culturais, cursos de difusão cultural, dentre outros eventos variados, além das publicações, fazem parte da natureza extensionista do MAE/USP. Oferecemos diversas disciplinas na área da Arqueologia Clássica, tanto de graduação quanto de pós-graduação. Também ministramos cotidianamente cursos de extensão na área da Arqueologia Clássica.

A propósito, já faz algum tempo que, nós, professores do MAE/USP, temos preferido nos referir à Arqueologia Clássica como Arqueologia do Mediterrâneo Antigo. Vocês podem me perguntar o porquê disso. A resposta é que histórica e conceitualmente, quando nos referimos à Arqueologia Clássica, acabamos por reduzir o escopo da disciplina a, principalmente, Grécia e Roma. Isso se deve ao fato de que, tradicionalmente, muito por conta da influência dos autores da própria Antiguidade, a Grécia antiga (com ênfase em Atenas, numa visão “atenocêntrica”) e o Império Romano teriam sempre prevalecido.

Ao adotarmos o postulado "Arqueologia do Mediterrâneo Antigo", procuramos expandir o escopo de nossas preocupações às populações que conviveram às margens do Mediterrâneo. Dessa maneira, nossos estudos arqueológicos conseguem abarcar outros povos, como berberes, núbios, sicanos, hititas, púnicos e tantos outros que coabitaram com gregos e romanos naquela vasta região tão rica do ponto de vista cultural e religioso.

3. Atualmente, o senhor é coordenador do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), em conjunto com a Profa. Dra. Maria Isabel Fleming. Poderia, por gentileza, esclarecer quais atividades são desenvolvidas pelo LARP e sua importância para o estudo dos territórios provinciais romanos?

R.: Atualmente, frente ao MAE/USP, respondo administrativamente pelo LARP, laboratório temático de pesquisa, sediado no MAE, que foi criado em 2013 e contou com os apoios cruciais do MAE e da FAPESP. Minha trajetória no LARP teve início antes mesmo da sua constituição formal, pois fiz parte da equipe de pós-graduandos e pós-doutores (eu mesmo como tal), que, sob a coordenação da professora Maria Isabel D'Agostino Fleming, elaborou o primeiro projeto do laboratório. Ao longo dos 11 anos de existência do LARP, atuei como estudante e pesquisador associado, e, depois, como professor da USP, ascendi à condição de coordenador do LARP.

O LARP, e seu sucesso, são frutos da dedicação, *expertise* e guia da referida professora, e sua confiança em me outorgar a coordenação junto a ela representa uma grande honra. Hoje, estamos à frente do LARP; eu, como docente da USP, e a professora Fleming, como professora Sênior do MAE/USP. Não posso deixar de enfatizar que a força do LARP vem também de nossos alunos, todos eles, sejam da iniciação científica, mestrado ou doutorado. Além destes, destaco os pós-doutorandos e tantos outros pesquisadores associados ao nosso laboratório. Sem sombra de dúvida, todos eles são o motor que movimenta esse importante laboratório temático do país.

Podemos considerar o LARP como um polo de discussão e debates científicos sobre a Arqueologia e História do Mediterrâneo Antigo, centrado nos mundos romano e suas províncias, além da rede de contatos engendrada por todas as províncias ao longo do Mediterrâneo e dos limites fronteiriços. O LARP tem atraído docentes e alunos de universidades brasileiras, mas, igualmente, professores do Ensino Médio e alunos secundaristas, tanto das escolas públicas quanto das privadas. Nossa laboratório está sediado em um museu, mais especificamente, um museu universitário, de modo que, como mencionei, nossas atividades organizam-se a partir do tripé pesquisa, ensino e extensão.

No campo da divulgação científica, criamos os mais variados canais gratuitos, voltados a um público mais ampliado: Facebook, Instagram, vídeos documentários, podcasts, maquetes virtuais, jogos, todos acessíveis pelo site do LARP: <www.larp.mae.usp.br>, e pelo nosso canal do Youtube: <<https://www.youtube.com/@LARPMAE>>.

No LARP, produzimos pesquisas originais, propondo, a partir de metodologias científicas e teorizações – que acompanham as discussões acadêmicas internacionais –, interpretações atualizadas sobre as organizações de assentamentos, derivando, daí, conhecimentos sobre as sociedades e as relações de contato entre estas. Nossas pesquisas envolvem romanos, gregos, egípcios, fenícios, povos indígenas de toda a Bacia do Mediterrâneo, na Antiguidade, e que, igualmente, estabelecem diálogos com as inquietudes de nosso tempo.

Após a indesejada e horrorosa lacuna causada pela pandemia da Covid-19, as pesquisas e atividades de extensão foram retomadas. Neste contexto, ressalto, especialmente, todo o trabalho de pesquisa e extensão que depende essencialmente do contato com o acervo do MAE, a saber, a práxis curatorial e os estudos que envolvem a coleção de moedas e outros objetos arqueológicos mediterrânicos do MAE/USP. Durante o período pandêmico, desenvolvemos programas de debates e cursos com especialistas de instituições nacionais e internacionais, numa perspectiva que envolvesse os projetos do LARP. Passado o tenebroso período pandêmico, retomamos, com todo vapor, nossas atividades presenciais, mas mantivemos também as atividades híbridas e virtuais, agora introjetadas em nossa vivência acadêmica, sem volta. Neste sentido, para nossa satisfação, foi realizado o III Simpósio do LARP, em que foi comemorado seu 10º Aniversário, tendo sido publicado, no mês de outubro de 2023, o livro *10 Anos de LARP: trajetória e perspectivas* (Fleming; Porto, 2023).

Os estudos de Arqueologia do Mediterrâneo, no Brasil, ensejados e desenvolvidos pelo LARP e por outros importantes centros brasileiros de estudos sobre o mundo antigo, possuem um caráter muito particular, muito próprio no que diz respeito às linhas de pensamento teórico-metodológicas. Nossa formação colonial, de um país periférico e multiétnico, nos possibilita refletir sobre questões simbólicas e religiosas, urbanísticas e territoriais, de poder e produção, a partir de um ponto de vista local, com enorme potencial, acredito, para contribuir com o debate internacional.

Os dados históricos e arqueológicos apresentados e tratados no âmbito do LARP partem de uma proposta interdisciplinar, que apoia o diálogo substancial com a academia e a sociedade. Deste modo, nossas reflexões sobre a História e a Arqueologia Clássica pretendem promover um olhar voltado para a compreensão das relações diversas, plurais e interconectadas que ocorreram no Mediterrâneo. Ao trazermos considerações de um

Mediterrâneo, que ainda não foram totalmente exploradas nos estudos conectados às humanidades no Brasil, buscamos contribuir com um novo olhar, a partir de perspectivas que combatam uma visão colonialista da História, consolidada por grupos privilegiados, a fim de dar voz a outros povos envolvidos no processo. As diversas contribuições das pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do LARP têm como objetivo demonstrar o debate atual existente sobre as transformações que os materiais arqueológicos receberam, local ou regionalmente, a partir de seu contexto de escavação. Transformações estas que ocorreram, por um lado, dentro de um sistema dinâmico e fluido de trocas contínuas, e, por outro lado, pela preservação das tradições. Queremos crer que o LARP fomente, no Brasil, um amadurecimento teórico-metodológico acentuado acerca dos contatos mediterrânicos.

4. Considerando o diálogo crescente, nos meios acadêmicos brasileiros, entre a História e a Arqueologia, sobretudo no que se refere à Antiguidade, desejamos saber sua opinião sobre a importância das fontes arqueológicas no estudo dos contatos culturais no Mediterrâneo antigo.

R.: A Arqueologia é interdisciplinar por natureza. Dialoga com as mais variadas disciplinas: Arte, Geologia, Antropologia, Física, Química, entre outras. A História, portanto, é apenas uma delas. Desde a Escola dos Annales, iniciada na década de 30 do século passado, principalmente com Marc Bloch e Lucien Febvre, observou-se a importância do diálogo da História com outras disciplinas, como a própria Arqueologia. Ainda assim, é bastante comum ouvir que a Arqueologia é uma “disciplina auxiliar da História”. Embora a ideia de que a Arqueologia seja uma ciência auxiliar da História seja aceita e praticada de maneira ampla, algumas críticas e debates vêm surgindo em relação a essa percepção, e melhor, muitos historiadores vêm trabalhando cada vez mais com a documentação material, estendendo seu leque de reflexões sobre a documentação arqueológica. É importante frisar que a Arqueologia se desenvolveu, assim como a História, como uma disciplina científica independente, com seus próprios métodos, teorias e objetivos.

Os contatos culturais no Mediterrâneo antigo desempenharam um papel fundamental na formação e no desenvolvimento das civilizações antigas que floresceram na região. Nesse contexto, as fontes arqueológicas têm um papel crucial nas investigações a respeito desses contatos culturais. As escavações arqueológicas trazem à superfície artefatos, estruturas e materiais que refletem os padrões de interação e troca entre diferentes culturas. Essas evidências materiais podem incluir cerâmicas importadas, moedas, estilos arquitetônicos, entre outros, que fornecem *insights* sobre os contatos

comerciais, diplomáticos e culturais entre os povos da região. A Arqueologia também revela padrões de assentamento e urbanização, que refletem a dinâmica dos contatos culturais no Mediterrâneo antigo. A identificação de cidades portuárias, rotas comerciais e centros urbanos cosmopolitas, por exemplo, fornece uma compreensão mais profunda da extensão e da natureza dos contatos entre diferentes culturas. Além disso, a análise de artefatos arqueológicos, como arte, escultura e iconografia, revela influências culturais e estilísticas entre diferentes sociedades. Por exemplo, a presença de motivos egípcios em cerâmica grega e a incorporação de elementos gregos na arte etrusca são evidências tangíveis de contatos e intercâmbios culturais. Por fim, com os avanços recentes nas técnicas científicas, como as análises de DNA e isótopos, é possível rastrear movimentos populacionais antigos no Mediterrâneo. Essas abordagens complementam os dados arqueológicos, fornecendo informações sobre o fluxo de pessoas e a mistura genética, em resposta aos contatos culturais na região. Todas essas questões estão sendo – emprestando os termos de Jacques Le Goff e Pierre Nora (1976) – repensadas a partir de novos problemas, novos objetos e novas abordagens. Para fechar esta ideia, gostaria de falar sobre o trabalho de Carol Dougherty (1993), intitulado *The poetics of colonization: from city to text in Archaic Greece*. Nesse livro, a autora assume que é necessário estudar a literatura de forma crítica e contextual, não apenas para extrair a literalidade, mas, também, em uníssono com a cultura material, para extrair ideias, identidade e o significado da cidade no contexto mediterrânico.

5. Tanto em sua dissertação de mestrado quanto em sua tese de doutorado, o professor realizou pesquisas com base na numismática, ou seja, na análise de moedas. De modo geral, como esses artefatos podem contribuir para o conhecimento das sociedades antigas?

R.: Minha orientadora de mestrado e doutorado, a professora Maria Beatriz Florenzano, sempre me ensinou e enfatizou o potencial das moedas nos estudos das sociedades antigas. Ela também me ensinou que as esferas das sociedades antigas eram todas amalgamadas, ou seja, não se pode estudar a Grécia e a Roma antigas, por exemplo, sem considerar que as esferas econômicas, culturais, religiosas e políticas estão totalmente imbricadas, ou, como diria Karl Polanyi (2000), estão todas “*embedded*”.

Levando isso em conta, a numismática, ou o estudo das moedas, desempenha um papel fundamental, de várias maneiras, na compreensão das sociedades antigas. Por exemplo, as moedas fornecem *insights* interessantíssimos sobre a economia e o comércio das sociedades antigas. Por meio da análise das moedas, os historiadores podem entender as relações comerciais, as rotas de comércio e as políticas econômicas

das civilizações antigas. Por seu turno, as imagens e os símbolos presentes nas moedas revelam aspectos culturais, religiosos e políticos das sociedades antigas. Por exemplo, as imagens de governantes, divindades e eventos históricos representados nas moedas oferecem informações sobre crenças, valores e mitologias da época. As moedas também são uma fonte valiosa para estabelecer cronologias e datas históricas. Através da análise de estilos de arte, inscrições e materiais das moedas, os estudiosos podem datar eventos e períodos específicos da história.

O sonho dos arqueólogos que escavam ao longo do Mediterrâneo é encontrar alguma moeda nos estratos arqueológicos do sítio escavado, porque esta pode se converter em um importante “fóssil diretor”, ou seja, um marcador cronológico significativo para se datar aquele dado estrato arqueológico em que a peça foi encontrada. Até hoje me lembro da emoção que senti no momento em que encontrei uma moeda do imperador Vespasiano quando escavava o estrato romano de *Apollonia*, em Israel.

A distribuição geográfica das moedas também pode ser importante, pois indica padrões de comércio, migração e interação cultural entre diferentes regiões e civilizações. A presença de moedas estrangeiras em determinada área pode demonstrar relações comerciais ou conquistas militares. Do ponto de vista tecnológico, as transformações nas técnicas de cunhagem e nos materiais das moedas ao longo do tempo podem refletir avanços tecnológicos e mudanças econômicas nas sociedades antigas. O estudo do desenvolvimento das moedas pode fornecer informações sobre os diferentes tipos de técnicas metalúrgicas e de cunhagem. Enfim, como mencionei no início dessa entrevista, em meu mestrado, trabalhei com moedas da Sicília que tinham imagens de Héracles. Apesar de trabalhar com moedas, ou seja, com dinheiro, não versei sobre economia ou comércio entre gregos e gregos, ou entre gregos e povos locais (sículos e sicanos), nas pôlis da Sicília, mas investiguei o caráter civilizatório desse deus-herói (*hérōs-theos*) grego, bem como os significados de sua iconografia e de suas peripécias mitológicas na região.

6. Em sua tese, intitulada “*Imagens monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana*” (2007), o senhor tratou da dinâmica de integração de uma região provincial, a Judeia/Palestina, ao Império Romano. Sabe-se que a inserção das províncias no sistema imperial romano foi um processo bastante complexo, que variou de acordo com as realidades locais. Em face disso, o senhor poderia esclarecer as características da integração da Judeia/Palestina na ordem romana?

R.: A Arqueologia tem oferecido importantes subsídios para entendermos, cada vez mais, a vida nas províncias romanas, seja a vida cotidiana, política ou religiosa. Em minha tese

de doutorado, pude observar, a partir da produção e da circulação de moedas locais, na região da Síria-Palestina, que é muito importante considerar a província localmente diante da centralidade de Roma. Explico: ao longo de praticamente todo o século XX, as relações dentro do Império sempre foram estudadas tendo como ótica principal a cidade de Roma. Isso é até natural, visto que a documentação textual nos legou a grandeza e a pujança da humanitas romana. Sempre que se discutia a vida na província, procurava-se, de alguma forma, conectar a cidade provincial com Roma. A documentação arqueológica, bem como as interpretações calcadas no pós-colonialismo e pós-processualismo, alteraram de forma substancial essas reflexões. Começou-se a observar que era possível fazer uma arqueologia e uma história de determinada província sem vinculá-la naturalmente a Roma. Foi possível observar, por exemplo, relações entre duas províncias distantes de Roma, as quais se relacionavam entre si sem a interferência da capital do Império. Creio que a contribuição da minha tese de doutorado vai nesta linha: permitir que a singularidade do local faça saltar aos olhos e às mentes dos pesquisadores, demonstrando as novas possibilidades e potencialidades das complexas e intrincadas relações existentes dentro do Império Romano.

A região da Judeia-Síria-Palestina tornou-se uma província romana após a conquista liderada por Pompeu, em 63 AEC.⁴ Foi durante o período em que Pompeu foi general romano, que a Judeia foi anexada ao Império e transformada em uma província sob controle romano. A partir desse momento, a Judeia passou a ser governada por procuradores romanos ou por reis clientes, que estavam sujeitos à autoridade romana. Todavia, a influência romana no Mediterrâneo oriental pode ser recuada em mais de um século, com as implicações das Guerras Púnicas e das Guerras Macedônicas. Creio que o mais relevante a se dizer é que, no momento inicial, quando Pompeu buscou organizar a vida política da região, os romanos habilidosamente perceberam que as estruturas políticas, sobretudo as jurídico-administrativas, já consolidadas pela presença greco-macedônica ao longo de praticamente três séculos, facilitaram significativamente sua tarefa. No começo, os romanos não alteraram o *status* de pólis das cidades, tendo incluído, a *posteriori*, o estatuto de colônias às cidades aliadas. Além disso, o sistema de coleta de impostos sofreu poucas alterações. Em suma, no Oriente, Roma encontrou uma estrutura favorável à consolidação de sua governança. A propósito, as cidades aliadas receberam o nobre e tão almejado direito de cunhar suas próprias moedas, e, claro, as cidades que se posicionaram contra Roma, além de humilhadas, perderam seus direitos

⁴ Referi-me à província dessa maneira porque, dependendo do período, temos diferentes composições geopolíticas. Por exemplo, após a vitória dos romanos sobre os judeus, na revolta de Bar Kokhba, em 135 EC, o imperador Adriano reorganizou a região, convertendo-a na província da Síria-Palestina.

políticos, como o de produzir suas próprias moedas. Acrescente-se que a “helenidade” absorvida pelos romanos fez com que o grego continuasse a ser o idioma predominante na região. Ademais, aspectos da vida cultural, como as práticas balneárias, a ida ao hipódromo para ver as corridas de bigas e a ida ao anfiteatro para acompanhar as lutas de gladiadores, faziam parte do cotidiano dessa região. Contudo, destacamos que, entre as lideranças judaicas, havia uma forte pressão para evitar a participação de judeus em atividades associadas às tradições gregas e romanas.

7. *Dado o avanço contínuo da tecnologia e seu impacto sobre as mais diversas áreas do conhecimento, de que maneira as inovações tecnológicas têm beneficiado os estudos no campo da Arqueologia Clássica?*

R.: As inovações tecnológicas têm tido um impacto significativo e benéfico nos estudos da Arqueologia Clássica. Algumas dessas inovações têm influenciado muito positivamente as pesquisas arqueológicas que são desenvolvidas por diversos países do mundo, de modo geral, e pelo Brasil, de modo particular. Neste sentido, o uso de imagens de satélite e sensoriamento remoto permite aos arqueólogos identificar sítios arqueológicos de forma mais eficiente. Essas tecnologias podem revelar padrões no solo, estruturas enterradas e, até mesmo, assentamentos antigos, que seriam difíceis de detectar de outra forma.

O escaneamento a *laser* é outra ferramenta poderosa empregada no mapeamento do terreno e na identificação daquelas características que indicam a presença de sítios arqueológicos. A técnica pode revelar ruínas, estradas antigas, muralhas e outros detalhes que são difíceis de se observar na superfície. O *Ground Penetrating Radar* (GPR), mais conhecido, no Brasil, como georadar, é usado para investigar o subsolo e identificar estruturas enterradas, sem a necessidade de escavação. Isso permite uma avaliação não invasiva de sítios arqueológicos e ajuda os arqueólogos a planejar escavações de forma mais eficiente. Em meu projeto de pesquisa em Tel Dor, Israel, utilizamos o georadar para detectar as estruturas antigas da cidade, de modo a comprovar a hipótese de que ela manteve, no período romano, o padrão de uma malha urbana ortogonal que se iniciara já no período de ocupação persa e fenícia da cidade.

Outros dois métodos investigativos bastante utilizados por arqueólogos hoje em dia são a fotogrametria e a modelagem 3D. Esses dois métodos permitem que os arqueólogos criem modelos digitais precisos de sítios arqueológicos e de artefatos. Isso não ajuda apenas na documentação e na preservação digital, mas, também, permite análises mais detalhadas e a visualização de como os locais podem ter parecido no passado.

Os avanços nas técnicas analíticas, como a datação por radiocarbono, a análise de isótopos, de DNA e de material microscópico, têm proporcionado aos arqueólogos uma compreensão mais profunda dos artefatos e dos padrões de assentamento humano ao longo do tempo. Dessa maneira, chamo a atenção para um trabalho que nós, do LARP, realizamos em conjunto com o Laboratório de Arqueometria e Ciências Aplicadas ao Patrimônio Cultural (LACAPC) e o Departamento de Física Nuclear – Instituto de Física da Universidade de São Paulo, comandado pela professora Marcia Rizzutto. Na ocasião, aplicamos técnicas analíticas de Espectroscopia de Fluorescência de Raios X e Raman em cinco artefatos egípcios do MAE/USP, nos quais figura o deus egípcio Bés. O emprego de técnicas ligadas à Arqueometria também faz parte do escopo das pesquisas do LARP. Destaco as pesquisas de Marcio Teixeira-Bastos, que analisou as lamparinas romano-bizantinas encontradas na antiga região da Síria-Palestina, na tentativa de entender a produção cerâmica dos samaritanos. Seu estudo arqueométrico concentrou-se na análise de lâminas ceramográficas (delgadas) do petrogrupo da planície costeira, central e sul da região mencionada.

O emprego do *Reflectance Transformation Imaging* (RTI) também tem sido bastante importante em nossas pesquisas. Cito, aqui, o emprego desta técnica nas moedas escavadas no sítio arqueológico de Tel Dor. A técnica possibilita que enxerguemos detalhes da iconografia dificilmente perceptíveis a olho nu. A introdução desta técnica no MAE/USP congregou diversos pesquisadores, dentre eles alunos de graduação e pós-graduação, tanto do LARP quanto do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA), o outro laboratório temático de Arqueologia Mediterrânea do MAE/USP. Enfim, essas são apenas algumas das possibilidades de aplicação dos usos da tecnologia em benefício dos estudos da Arqueologia Clássica, oferecendo aos arqueólogos novas ferramentas e métodos para investigar e compreender o passado.

8. Gostaríamos de saber um pouco mais sobre os projetos desenvolvidos no grupo de pesquisa Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE), do qual o senhor é coordenador.

R.: O ARISE é um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq, em 2017. Na sua coordenação, além de mim, está o professor Alex Martire. Desde sua criação, este grupo de pesquisa sempre buscou estudar as simulações eletrônicas digitais, analisar o conteúdo já ofertado pelo mercado, além de produzir interatividades baseadas em dispositivos eletrônicos, que auxiliem a compreensão da arqueologia e história das sociedades passadas.

Fazem parte do escopo do ARISE a pesquisa e os estudos sobre humanidades digitais, “ciberarqueologia” e jogos eletrônicos; a análise de simulações eletrônicas (jogos)

existentes no mercado; a produção de material voltado aos “arqueojogos”; e, além disso, o desenvolvimento de instalações interativas baseadas em dispositivos eletrônicos e materiais impressos feitos em resina.

Hoje, o ARISE tem uma relevante projeção nacional, tendo em vista que os nossos produtos estão sendo utilizados por jovens estudantes de todo o país. Em São Paulo, a parceria que estabelecemos com as Secretarias Municipal e Estadual da Educação tem permitido que escolas de âmbito fundamental e médio possam empregar nossos produtos em sala de aula. Recentemente, mais precisamente em março de 2022, foi publicado, no Portal de Livros Abertos da USP, uma coletânea que organizamos, intitulada (*Des*) construindo arqueologias digitais (Martire; Porto, 2022). É uma boa introdução para quem tem interesse em se iniciar nesta área de estudos. Para os interessados em aprofundar o conhecimento sobre os projetos desenvolvidos pelo ARISE, deixo aqui o nosso site: <<http://www.arise.mae.usp.br/>>.

9. Ao longo de sua trajetória profissional, observamos várias parcerias firmadas com instituições de pesquisa e universidades estrangeiras. O senhor poderia explicar a importância da cooperação internacional para as pesquisas executadas por pesquisadores brasileiros no âmbito da Arqueologia Clássica e da História Antiga?

R.: A cooperação internacional desempenha um papel crucial no avanço das pesquisas em Arqueologia Clássica e História Antiga realizadas por pesquisadores brasileiros. Neste sentido, é importante ressaltar que podemos estabelecer contato com centros de estudos com tradição consolidada em pesquisa arqueológica e histórica, e que, muitas vezes, possuem recursos e tecnologia que ainda temos dificuldades de alcançar por aqui. A cooperação internacional permite o acesso a laboratórios especializados, equipamentos de última geração e técnicas de pesquisa inovadoras, enriquecendo as capacidades de pesquisa dos brasileiros.

Outro ponto significativo é a troca de conhecimentos e experiências. A colaboração com pesquisadores estrangeiros possibilita a troca de conhecimento, experiências e práticas de pesquisa. Isso pode incluir aprendizado sobre novos métodos de escavação, análise de artefatos, interpretação de dados e abordagens teóricas. Essa troca bidirecional de conhecimento contribui para o enriquecimento mútuo e para o avanço do campo.

Essas parcerias também nos facilitam o acesso a fontes e sítios arqueológicos internacionais. Muitas vezes, as pesquisas em Arqueologia Clássica e História Antiga exigem o estudo de fontes e sítios arqueológicos localizados em diferentes partes do mundo. A cooperação internacional permite que os pesquisadores brasileiros acessem

esses recursos, realizem estudos comparativos e ampliem sua compreensão acerca de contextos históricos e culturais específicos.

Muitos projetos de pesquisa em Arqueologia do Mediterrâneo Antigo e História Antiga envolvem uma variedade de disciplinas, como Arqueologia, História, Antropologia, Geografia e Ciências Naturais. A cooperação internacional facilita a formação de equipes multidisciplinares, que podem abordar questões complexas de forma mais abrangente e integrada. É o caso, por exemplo, dos trabalhos de que participei em Portugal, mais precisamente no sítio arqueológico de Tongobriga. A princípio, Tongobriga era vista como uma cidade romana. Todavia, com o passar do tempo, revelou um nível de ocupação de uma população local conhecida como castrejos, que habitava aquela localidade muito antes de os romanos ali pisarem. Nas escavações de Tongobriga, ao explorarmos a necrópole castreja, nos deparamos com urnas cinerárias, que são enterramentos comuns a esses povos. Assim que se comprovou a existência de cinzas e remanescentes ósseos humanos, a antropóloga física Filipa Cortesão Silva juntou-se ao grupo para estudar esses remanescentes humanos.

Outro ponto relevante da colaboração internacional é o fortalecimento das relações entre instituições de pesquisa e universidades brasileiras e estrangeiras. Esse processo pode resultar em parcerias duradouras, intercâmbio de estudantes e professores, oportunidades de financiamento conjunto e na formação de redes acadêmicas internacionais. Ademais, possibilita o acesso às riquíssimas bibliotecas das instituições estrangeiras, promovendo o crescimento e a visibilidade da pesquisa brasileira em Arqueologia Clássica e História Antiga.

Em resumo, a cooperação internacional desempenha um papel fundamental no avanço das pesquisas em Arqueologia Clássica e História Antiga no Brasil, proporcionando o acesso a recursos, conhecimentos e oportunidades que enriquecem a pesquisa e promovem o desenvolvimento acadêmico e científico do país.

10. Na conferência de abertura do X Encontro Regional do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES), ministrada em 7 de novembro de 2023, na Universidade Federal do Espírito Santo, o senhor apresentou sua experiência de pesquisa no sítio arqueológico de Tel Dor, Israel. Poderia nos falar um pouco sobre a natureza da investigação e os resultados obtidos até o momento na prospecção da cidade?

R.: Quando meu projeto de pesquisa teve início, em 2020, consegui o apoio do CNPq (processo no. 307954/2020-0) e o da Fapesp (processo no. 2020/16698-0). Obtive também o apoio do Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP), no período do meu ano sabático,

em 2022, bem como o do MAE/USP. A pesquisa é um programa interinstitucional amplo, composto por vários pesquisadores de diversas universidades do Brasil e do mundo afora. Assim, entendo que nossa pesquisa vem fomentando o intercâmbio cultural e acadêmico com diversos centros acadêmicos ao redor do mundo, já que pesquisadores da Universidade Hebraica de Jerusalém, da Universidade de Haifa, da Universidade de Boston, da Universidade Flinders e da Universidade de Bristol fazem parte deste projeto multi-institucional.

A pesquisa tem buscado alcançar um maior aprofundamento dos nossos conhecimentos a respeito dos mecanismos de contato cultural e dos processos de transformação urbana na província da Síria-Palestina, no período romano. Tem sido nossa intenção compreender melhor a presença romana nessa região, a partir de reflexões sobre como os romanos tencionaram impor suas concepções de urbanismo na porção leste do Império, e, da mesma forma, visamos a verificar como as populações locais receberam tais concepções, emulando-as e adaptando-as às suas realidades.

Tel Dor, *lócus* deste estudo, situa-se a 130 km de distância a norte de Jerusalém. A pesquisa tem como objetivo analisar as moedas encontradas nas escavações desse sítio arqueológico, observando seus locais de achado, nos estratos de ocupação romana. O material inédito, fruto das escavações realizadas desde a década de 1980, do qual estamos nos valendo para efetuar nossa pesquisa, encontra-se, atualmente, no Departamento de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém. Foi lá que fizemos todas as fotos para o catálogo que estamos confeccionando conjuntamente com pesquisadores como a Profa. Rebecca Martin, da Universidade de Boston, e a arqueóloga Svetlana Matskevich, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Na instituição, também foram produzidas as fotos para a aplicação da já referida técnica de RTI. Buscando entender as questões de urbanidade deste dado período, plotamos as moedas, verificando as coordenadas geográficas dos locais em que foram escavadas.

No atual estágio da pesquisa, estamos registrando todas as informações disponíveis sobre as moedas em dois bancos de dados. Quando finalizarmos esta etapa, e com a definição das estruturas da cidade romana, mapas serão confeccionados a partir do ArcGis. As perguntas que subsidiam a criação destes mapas são: 1) Como podemos relacionar os locais de achado das moedas com a planta da cidade? 2) As moedas circulam mais em áreas públicas, privadas ou em ambas? 3) As moedas são encontradas associadas a qual tipo de artefatos (doméstico, funerário, votivo)? 4) Quais são os fluxos de circulação ao longo do tempo? 5) Onde foram escavadas as moedas estrangeiras, principalmente as regionais, das cidades vizinhas, e as moedas produzidas localmente? Há convergências?

Todas estas perguntas se transformam em categorias que formarão os mapas, sendo subdivididas em períodos: século I AEC e séculos I, II e III EC.

Outra frente de pesquisa que estamos desenvolvendo, relacionada às moedas, é o estudo da iconografia delas. Entendemos por análise iconográfica o estudo das imagens do anverso e reverso das moedas, das legendas e das marcas monetárias, isto é, dos símbolos das oficinas monetárias e das autoridades emissoras. Com o aprofundamento do nosso conhecimento acerca das moedas de Tel Dor, acreditamos ser possível compreender melhor o nível de monetização dessa cidade e das cidades vizinhas durante esse período, o que certamente contribuirá para a interpretação do uso dos espaços nos quais as moedas foram encontradas. A investigação está sendo conduzida por meio do levantamento de dados arqueológicos/numismáticos disponibilizados nos relatórios de escavação, catálogos e na bibliografia disponível.

Esperamos que nossa pesquisa impacte o conhecimento dos jovens estudantes brasileiros do Ensino Fundamental, Médio e Superior, ao possibilitar o contato com nossas pesquisas por meio das publicações, do videodocumentário que estamos produzindo paralelamente à pesquisa, dos sites e outros produtos tecnológicos do LARP/MAE/USP. Nossa intenção última é promover, no cenário educacional brasileiro, reflexões mais aprofundadas sobre a história do Império Romano, desconstruindo as tradicionais leituras eurocêntricas que, porventura, ainda persistam em nossa academia, ao mesmo tempo em que buscamos fomentar uma reflexão descolonizadora sobre o mundo romano antigo e suas consequências para a posteridade.

Agradecimentos

Agradeço a Juliana Figueira da Hora e a Claudia Ribeiro Campos Gradim pela generosa leitura, contribuições e troca de ideias.

Referências

Documentação textual

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Cone Sul, 1998.

DIODORUS SICULUS. *The Library of Diodorus of Sicily: Books III-V*. Translated by Charles Henry Oldfather. London: Harvard University, 1976.

ÉSQUILO. *A trilogia de Orestes*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.

- FLÁVIO JOSEFO. *Obras completas*. Traducción de Luis Farré. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1961.
- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Massao-Ohno, 1981.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Obras de apoio

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, J. L. *Ficções*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DOUGHERTY, C. *The poetics of colonization: from city to text in Archaic Greece*. New York: Oxford University, 1993.
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- ENGELS, F.; MARX, K. *Manifesto do Partido Comunista (1848)*. In: ENGELS, F.; MARX, K. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, 1982. v. 3.
- FLEMING, M. I. D'A.; PORTO, V. C. (ed.). *10 Anos de LARP: trajetória e perspectivas*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2023.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (ed.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (ed.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- LE GOFF, J.; NORA, P. (ed.). *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- MARCUSE, H. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MARTIRE, A. S.; PORTO, V. C. (ed.). *(Des)construindo arqueologias digitais*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2022.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- PAZ, O. *Libertad bajo palabra*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- POLANYI, K. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Compus, 2000.
- PORTO, V. C. *Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PORTO, V. C. *Mito e História: análise estrutural da "Epopeia de Gilgamesh"*. Trabalho de conclusão de curso – Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 1994.

PORTO, V. C. *Subsídios para o estudo do culto de Héracles na Sicília: uma análise da iconografia monetária*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.